



EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E CULTURA DIGITAL, ALGUMAS APROXIMAÇÕES

LÂNDERSON ANTÓRIA BARROS¹
ANTONIO CARLOS CASTROGIOVANNI²

RESUMO

O avanço tecnológico, nos últimos anos, tem transformado a sociedade. Aliado a isso a globalização contribui para a disseminação de novas formas de comunicação e interação, com destaque para as novas tecnologias. Na educação, a união da prática de ensino e da tecnologia é um dos grandes desafios do docente contemporâneo. O presente artigo é fruto das discussões iniciadas durante elaboração da tese de doutorado e discorre com base no pensamento complexo, sobre a contribuição da Cultura Digital para o Ensino de Geografia. O movimento metodológico se fez a partir da interlocução do paradigma da complexidade amparado nesse a partir das ideias de Edgar Morin. A realidade atual exige um novo papel dos educadores, pois passam a ser entendidos não mais como aqueles que detém o conteúdo, mas como sujeitos que apresentam as inovações, orientam e socializam descobertas para a sala de aula. As novas tecnologias de informação e comunicação apresentam-se como possibilidade para alcançar o dinamismo no processo de ensino e aprendizagem, fornecendo subsídio para que os educadores possam ampliar a sua interface. Frente a esse contexto, o professor precisa ter compreensão da sua construção epistemológica de Educação e Geografia, justamente para sustentar a sua prática pedagógica e auxiliar na sua (re)formação do pensamento na compreensão provisória do Espaço Geográfico.

Palavras-chave: Educação Geográfica; Cultura Digital. Novas Tecnologias, Ciberespaço, Prática Docente.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Texto resultante das discussões iniciais realizadas durante pesquisa de doutorado financiada pela CAPES. landerson-barros@hotmail.com

² Professor Doutor associado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. acastrogiovanni53@gmail.com



ABSTRACT

Technological advances in recent years have transformed society. Allied to this, globalization contributes to the dissemination of new forms of communication and interaction, with emphasis on new technologies. In education, the union of teaching practice and technology is one of the great challenges for contemporary teachers. This article is the result of discussions initiated during the preparation of the doctoral thesis and discusses based on complex thinking, about the contribution of Digital Culture to the Teaching of Geography. The methodological movement was based on the interlocution of the complexity paradigm supported by this one, based on the ideas of Edgar Morin. The current reality demands a new role for educators, as they come to be understood no longer as those who hold the content, but as subjects who present innovations, guide and socialize discoveries for the classroom. The new information and communication technologies are presented as a possibility to achieve dynamism in the teaching and learning process, providing support for educators to expand their interface. Faced with this context, the teacher needs to have an understanding of his epistemological construction of Education and Geography, precisely to sustain his pedagogical practice and assist in his (re) formation of thought in the provisional understanding of the Geographic Space.no sistema.

Keywords: School Geography, Digital Culture; Digital Technologies



INTRODUÇÃO

A sociedade está vivenciando uma aceleração nas transformações devido o processo de globalização que foi acelerado por conta da pandemia a partir de 2020. A sala de aula que antes era presencial virou híbrida, o desafio da inserção da tecnologia no ambiente escolar, que já estava presente, tornou-se complexo. Como a escola vai dar conta dessa nova cultura que vem se forjando durante esse período pandêmico? O que se constituiu a partir do ambiente híbrido nas escolas? O texto que apresentamos é fruto de parte das discussões iniciadas durante a elaboração da tese de doutorado, fundada no Paradigma da Complexidade de Edgar Morin. Nele provocamos o debate sobre a importância da Cultura Digital para a Educação Geográfica no ambiente escolar.

METODOLOGIA

A pesquisa que apresentamos está inserida no campo da reflexão e problematização, que possibilitam a abstração do mundo. Tal contexto não prevê uma explicação da realidade, sendo essa entendida através da articulação do geral com o particular. Basendo-se em uma revisão bibliográfica problematizando os temas da Educação Geográfica e Cultura Digital. O texto apresentado consiste em um fragmento das discussões realizadas no processo de qualificação da tese de doutorado que está em andamento. Apresentamos aqui algumas provocações, e ainda, algumas respostas mesmo que provisórias para o debate que instigamos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A tecnologia avançou nos últimos anos. Podemos dizer que a globalização alterou a nossa relação com o mundo. Em paralelo a esse processo, percebemos que esses avanços na ciência e na tecnologia ainda não estão distribuídos de forma uniforme, ou estamos enganados?

Vivemos em um período de aceleração das transformações, os avanços tecnológicos alteraram e seguem alterando profundamente a sociedade. O momento explicita a complexidade presente na aceleração do processo de ampliação do conjunto de técnicas que promovem tais mudanças. O conjunto de técnicas a qual nos referimos está intimamente relacionado às novas tecnologias de informação e comunicação que estão cada vez mais presentes nas dinâmicas da sociedade.



Santos (2014, p.29) compreende as técnicas como um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais a sociedade organiza seus fazeres, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço.

O conjunto de técnicas apresentando por Santos (2014) ampliou os fluxos de informação e comunicação, provocando assim a revolução que estamos vivenciando na comunicação mundial, esse processo altera profundamente as esferas de produção social e as relações contemporâneas. A relação que temos como o tempo e o espaço é a mesma que tínhamos há dez anos? Será a mesma daqui a cinco anos?

Harvey (2017, p. 220) ao debruçar seus estudos sobre essa temática afirma que a aceleração tecnológica, do século passado aos dias atuais, está alterando a concepção materialista do espaço, a partir de uma queima do espaço e de uma experiência com o tempo intensificado.

A sociedade está cercada pela tecnologia, por todos os lados ela aparece em alguns momentos de forma mais intensa, em outros mais sutil, seja na escrita desse texto por meio de um software de edição de texto até a organização desse evento em plataformas digitais de comunicação.

Estamos presenciando enormes transformações na sociedade atual. As novas tecnologias de informação e comunicação emergem adentrando, cada vez mais, setores e atividades e alterando-as, fazendo com que sejam reinventadas ou reinterpretadas a partir da situação atual. Ao tratar desse tema na obra “Condição Pós-Moderna”, Harvey (2017, p. 258) comenta sobre a acentuação da volatilidade e efemeridade de diferentes elementos da sociedade, afirmando que a sensação de que tudo o que é sólido se desmancha no ar.

Pensamos que diante do contexto exposto, podemos perceber que as noções de tempo e espaço que temos estão sendo intensamente impactadas. As Novas Tecnologias da Informação e Comunicação constroem e reconstroem novos ambientes com diferentes aspectos apresentando conflitos na (i)materialidade, pois um mesmo sujeito pode estar em diferentes espaços num mesmo período.

Milton Santos (2014) revela a inconstância nos valores do espaço, tanto pela renovação incessante dos produtos como pela incorporação de novos materiais e novos métodos. O autor ainda destaca que o estágio tecnológico no qual estamos inseridos, denominado por ele de meio técnico-científico-informacional, em conjunto com o avanço das redes tecnológicas, colaborou para firmar o sentido de totalidade ao lugar. Santos ainda destaca para a necessidade de que se estude a Geografia das Redes. Para cumprir



esta meta teórica de desenvolver os fundamentos de uma crítica, à Geografia Crítica, tornava-se necessário introduzir o tema do Ciberespaço e da internet na Geografia Contemporânea.

De que forma os conteúdos que abordamos na prática docente se relacionam com os eventos globais? Existe uma ligação ou não? Ainda sobre esse tema, Carlos (2007, p. 21) destaca que as comunicações diminuem as distâncias, tornando o fluxo de informações contínuo e ininterrupto; com isso, cada vez mais o local se constitui na sua relação com o mundial. Diante desses aspectos, o contexto de lugar se (re) estrutura, conforme Carlos (2007, p.21) destaca, pelo seu estabelecimento e/ou aprofundamento de suas relações numa rede de lugares.

Podemos perceber que o momento de entrada desses novos mecanismos tecnológicos no sistema de produção capitalista foi marcado na década de 1970, sendo que possibilitaram a transição gradual da lógica de produção, que antes era conhecida pelo Fordismo e Taylorismo, passando para o que denominamos de Acumulação Flexível. Castells (1999, p. 64) afirma que esse, portanto, foi um momento de divisão tecnológica.

Nos anos seguintes, com a redução nos custos dos produtos computacionais e da ampliação de novas redes tecnológicas de uso tanto empresarial como civil, foi possível perceber um crescimento acentuado na utilização desses recursos, principalmente a partir de meados da década de 1990.

Cabe destacar a importância da compreensão das diferentes escalas espaciais, desde o local ao global. Diante do processo de globalização ficamos, cada vez mais, praticamente impossibilitados de compreender e analisar estes recortes a partir de alguma hierarquia. Tais escalas interagem através de um movimento de complemento, articulam-se buscando a potencialização de seus processos. Haja vista que, diferentemente do que alguns estudiosos afirmavam, podemos perceber que a escala local não perdeu a sua importância após a proliferação das novas tecnologias de informação. Ao se debruçar sobre esse tema, Pires (2001, p. 158) afirma que com a dispersão das atividades econômicas, as cidades adquiriram novas formas de composição do capital e de centralização territorial, associadas aos novos arranjos de gerenciamento e comando operacional dessas atividades em escala planetária.

Logo, as formas de trabalho e de composição do capital acompanham esse movimento, utilizando o “mundo” virtual como noção primordial para sua transformação. Em compasso a esse movimento, as manifestações culturais apoiam-se nesses novos



elementos e acabam criando e recriando novos grupos que compartilham de pensamentos semelhantes mesmo que em grandes distâncias. O espaço vivido passa a ser considerado também no seu extrato imaterial, tendo em vista a complexidade de relações estabelecidas.

Tal processo não se difere na educação, antes mesmo do início da pandemia da covid-19 já sentíamos esses impactos. Enquanto instigávamos as nossas turmas em determinados temas, os sujeitos da aprendizagem tinham a possibilidade de, em tempo real, checar as informações, verificar pontos de conexão e intersecção nos temas debatidos estimulando assim novas provocações.

Hoje no processo educativo esses processos foram ainda mais acelerados, a pandemia escancarou algumas questões que perpassam o ambiente escolar e ao mesmo tempo provocou uma inserção ainda mais veloz das novas tecnologias de informação e comunicação no ambiente escolar.

Ao compreendermos a Educação Geográfica nesse processo podemos perceber, ainda, a reprodução e produção de “novos” receituários, ou seja, práticas pré-estabelecidas, constituídas ao passar dos anos que por vezes se travestem de “novo”. Percebemos alguns exemplos na *Geografia pastel de vento*, com uma aparência externa “bonita”, um discurso “polido”, mas permanecendo pobre na capacidade de reflexão, apontada como composta de muito conteúdo e baixa reflexividade, na tese defendida por Kaercher (2004). Outro exemplo podemos perceber a partir da tese de Batista (2017), que assinala uma *ordem do discurso geoescolar*; tal conceito refere-se à rede de objetos, enunciados e estratégias que vêm fazendo do ensino da Geografia uma prática linguística estável que, da primeira metade do século XX em diante, comportou-se de um modo mais ou menos previsível.

Ainda Cavalcanti (2012. p. 137) alerta que o avanço da reflexão e dos conhecimentos geográficos para superar esse empirismo da tradição da área contribui para colocar novos elementos da reflexão no campo da didática e da metodologia do ensino de geografia. Nesse fragmento a autora nos alerta para a necessidade de que a Educação Geográfica consiga operar o Espaço, compreendendo a espacialidade e o seu dinamismo processual.

No mesmo sentido, Castrogiovanni (2007) pontua:



Portanto, professores, atenção! É fundamental estarmos refletindo atentamente sobre o que é e o que deve ser a ciência geográfica, não somente como ciência, mas também como prática escolar, prática de vida, prática que os alunos (nós!) praticam (mos)! A vida é extremamente dinâmica e constituída por diferentes processos, e não devemos esquecer que a geografia faz parte dela (CASTROGIOVANNI, 2007, p. 43).

A aceleração que é percebida é importante e delicada ao mesmo tempo, ainda mais quando apontamos nossa lente para a Educação Geográfica, conforme o autor destaca. Morin (2011), ao abordar esse tema, aponta para o abismo representado principalmente por uma crise da modernidade representada pela amplificação e aceleração de processos sem controle, sendo considerados feedbacks positivos que constituem uma ruptura das regulações por amplificação e aceleração dos desenvolvimentos desenfreados.

Santos (2011), ao explicar sobre a aceleração contemporânea, chama atenção para os riscos de um mundo fabricado, um mundo de fábulas, onde atores hegemônicos ganham força e desigualdades se ampliam às margens do campo visual. A falácia de que o mundo está ao alcance de todos é amplamente difundida.

Essa dinamicidade da Geografia que se assevera no meio técnico-científico-informacional deve ser observada pela Educação Geográfica. Assim como Santos (2011) pontua, há uma fábula presente no mundo contemporâneo.

A partir dos elementos expostos, percebemos a emergência de uma Cultura Digital, a qual está diretamente atrelada aos avanços técnicos científicos, mas não a uma tecnologia em específico, sendo algo mais amplo, que incorpora questões simbólicas do dia a dia e subjetividades que, de uma forma ou outra, são afetadas pela vida digital.

O conceito de Cultura Digital também está intimamente relacionado com outros dois: Cultura da Internet, de Manuel Castells (1999) e Cibercultura, de Pierre Levy (2018). A cultura da internet que Castells (2003) nos apresenta caracteriza-se por uma estrutura em quatro camadas: a cultura tecnomeritocrática, a cultura hacker, a cultura comunitária virtual e a cultura empresarial. Juntas, elas contribuem para uma ideologia da liberdade, a qual é amplamente disseminada no mundo da Internet. Levy (2018) aponta a Cibercultura como algo que expressa o surgimento de um novo universal, diferente das formas que vieram antes dele no sentido de que a construção se dá sobre a indeterminação de um sentido global qualquer. O “novo” a que o autor se refere está diretamente ligado aos avanços tecnológicos do meio técnico-científico-informacional.

Prado (2009) compreende que:



A Cultura Digital é a cultura do século XXI. É a nova compreensão de praticamente tudo. O fantástico da cultura digital é que a tecnologia trouxe à tona mudanças concretas, reais e muito práticas em relação a tudo que está acontecendo no mundo, mas também reflexões conceituais muito amplas sobre o que é a civilização e o que nós estamos fazendo aqui. A mitologia do século XXI é desencadeada a partir do digital (PRADO, 2009, p. 45).

Logo percebemos que esse conceito tem uma relação direta com as alterações percebidas na sociedade, após principalmente a década de 1970. Ainda sobre esse tema Castells (2008) compreende a Cultura Digital a partir de seis tópicos:

1. Habilidad para comunicar o mezclar cualquier producto basado en un lenguaje común digital.
2. Habilidad para comunicar desde lo local hasta lo global en tiempo real y, viceversa, para poder difuminar el proceso de interacción.
3. Existencia de múltiples modalidades de comunicación.
4. Interconexión de todas las redes digitalizadas de bases de datos o realización del sueño del hipertexto de Nelson con el sistema de almacenamiento y recuperación de datos, bautizado como “Xanadú” en 1965.
5. Capacidad de reconfigurar todas las configuraciones creando un nuevo sentido en las diferentes multicapas de los procesos de comunicación.
6. Constitución gradual de la mente colectiva por el trabajo en red mediante un conjunto de cerebros sin límite alguno. En este punto, me refiero a las conexiones entre los cerebros en red y la mente colectiva. (CASTELLS, 2008, p. 52)

Diante desses aspectos compreendemos Cultura Digital como o conjunto de elementos e práticas que estão contidos nas modificações ocorridas a partir do surgimento do meio técnico-científico-informacional. Essa avalanche de transformações alterou profundamente a forma como nos relacionamos, encurtando distâncias e produzindo novos espaços relacionais. A inserção da Cultura Digital na nossa prática docente é uma tarefa árdua, porém necessária.

O ambiente escolar de hoje não é o mesmo de dois anos atrás, sofreu e segue sofrendo inúmeras transformações, a forma como nos relacionamos com esse espaço é diferente, a relação que temos como o tempo também não é mais a mesma. A Educação Geográfica está preparada para esse novo momento? O desafio está colocado e é imprescindível que, enquanto docentes, nos apropriarmos da Cultura Digital, pois ela já se apresenta como um artifício de reorganização das relações sociais, mediada por todo aparato tecnológico existente no meio técnico-científico-informacional.



RESULTADOS E/OU DISCUSSÕES

A problematização sobre a Educação Geográfica e Cultura Digital torna-se essencial nos dias atuais, ao expandir nossas lentes sobre os inúmeros questionamentos surgem, percebemos a imensidão de desafios presentes na pós modernidade. A tensão é sistemática, logo precisamos estar atentos para não buscar soluções “práticas”, fundadas em receituários fechados. Até porque tais não apresentam as respostas necessárias para o mundo contemporâneo.

As alterações provocadas pela Cultura Digital podem ser visualizadas no âmbito educacional. A escola não parece ser a mesma de dez anos atrás. O perfil dos alunos é outro, a forma como nos relacionamos com esses agentes e esses espaços é completamente diferente. Também nossa relação com o tempo foi transfigurada. O desafio está posto e é imprescindível que, enquanto professores, nos apropriemos da Cultura Digital, tendo em vista que ela já se apresenta como um artifício de reorganização das relações sociais, mediada pelo aparato tecnológico existente no meio técnico-científico-informacional.

A realidade que está posta exige um novo papel dos educadores, pois o educador passa a ser entendido como não mais aquele que simplesmente sabe o conteúdo, mas ele é o sujeito que apresenta as inovações, orienta e socializa novas descobertas para a sala de aula. Conforme Kenski (2002 p. 102) elucida: “(...) o professor quando ensina não apresenta apenas a informação, ele seduz com a informação”. O que é seduzir com a informação? Será que é transformá-la em conhecimento?

Diante desse emaranhado, a educação apresenta-se como a única saída para nossas mazelas, mas nosso sistema de ensino está preparado para ser a “solução”? Como poderíamos reconhecer e conceber o complexo nos processos educativos?

O cenário de incertezas que nos é exibido surge como uma “outra” possibilidade. Mesmo diante dos problemas o caminho da “catástrofe” pode apontar para uma metamorfose. Contudo, é importante ressaltar que o papel do docente é de abrir as portas deixando os alunos atravessarem, sem limitações.

É fundamental a formação constante dos educadores, em especial da Geografia, pois estes devem estar atentos para as transformações que ocorrem em uma velocidade cada vez mais alta. Neste sentido, é possível observarmos que a formação dos professores



de Geografia perpassa o desafio da utilização das novas tecnologias de informação e comunicação no processo de (re) produção do conhecimento geográfico.

O movimento de ensinar-aprender-ensinar aprendendo deve procurar o dinamismo através de uma superação constante. Esse elemento relacionado a superação pode ser aliado as novas tecnologias de informação e comunicação auxiliando nesse processo fornecendo subsídio para que os educadores possam ampliar sua interface.

Morin (2011, p. 140-141) destaca:

Para reencontrar a “verdadeira realidade”, é necessário conhecer os riscos de erro e ilusão que todo conhecimento implica. Isso é uma banalidade, mas é preciso repeti-la sem cessar: todo conhecimento é uma tradução e uma reconstrução. É por isso que não existe conhecimento que seja um reflexo fotográfico da realidade. É claro que o conhecimento sob a forma de ideias e de teorias é uma tradução e uma reconstrução refinada, mas que pode sofrer de enormes ilusões e erros. Foi o que aconteceu no decorrer de toda a história humana.

Ao distanciar e aproximar o real e o ideal, possibilita-se o surgimento de uma lógica dialógica, propondo, assim, uma complementariedade que nos leva a navegar em um oceano de incertezas, com pequenas ilhas e arquipélagos de certezas, conforme o autor aponta. A complexidade proposta por Morin pode auxiliar nesse processo de religar o que está separado, compartimentado. O autor nos aponta a necessidade de buscar o contexto, a fim de saímos do reducionismo existente no dogma atual.

Diante desses elementos, e ainda, utilizando os textos de Morin (2005), vislumbramos a possibilidade de uma metamorfose, o alcance de outros caminhos. A Cultura Digital surge como um elemento facilitador desse movimento complexo do ensinar, auxiliando na tarefa de transformar essa avalanche de informações em conhecimento.

Castrogiovanni (2014), acerca dessa temática, ressalta:

Neste sentido, tenho observado que muitos dos profissionais da educação geográfica lidam com informações, desprezam os conhecimentos e não se preocupam com as competências. Essa atitude, pela minha leitura, torna os momentos pedagógicos desinteressantes, pois não encaminha à construção de sentido. É fácil constatar que há uma degradação do conhecimento pela informação (CASTROGIOVANNI, 2014, p. 180).

O desafio é constante, as provocações lançadas para a Educação Geográfica na sociedade ultrapassam a simples ideia de acesso à gama de informações e recursos tecnológicos disponíveis. Precisamos buscar um sentido nesse aparato, procurando



agregá-los e ressignificá-los em conhecimento. A Cultura Digital, a partir do movimento de formação de uma inteligência coletiva, pode possibilitar novas potencialidades. Logo, a incerteza presente na prática pedagógica dos professores e professoras, cotidianamente, deve se transformar em novas possibilidades, em processos autorais que auxiliem cada vez mais na desconstrução da linearidade e das verdades absolutas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto apresentado não trouxe como centralidade a apresentação de fórmulas fechadas ou receituários pré-programados, pois o nosso objetivo foi problematizar aspectos relacionados à Cultura Digital e à Educação Geográfica evidenciando algumas possibilidades nesta nossa jornada investigativa.

Ao ampliarmos as nossas leituras sobre esse tema, diversos questionamentos surgem, alguns são explicitados, sem a aspiração de respondê-los plenamente, eles servem de combustível para provocar e desestabilizar parte de nossas certezas.

São inúmeros os desafios presentes na pós modernidade, de modo que precisamos, nesse momento, ter compreensão do terreno que estamos pisando, de que forma estão fundamentados nossos argumentos, onde eles estão alicerçados. Diante dessa compartimentalização clara do sistema de ensino, como podemos avançar nas nossas pesquisas buscando complexificar as nossas inquietações?

A tensão é sistemática e afeta a todos os setores da sociedade, diante disso muitas vezes apresenta-se a educação como a única saída para nossas mazelas, nosso sistema de ensino está preparado para ser a “solução”? Como poderíamos reconhecer e conceber o complexo nos processos educativos?

Esse panorama de incertezas que nos é apresentado surge como uma “outra” possibilidade. Mesmo diante dos problemas o caminho da catástrofe pode apontar para uma metamorfose. Contudo, é importante ressaltar que o papel do docente é de abrir as portas deixando os alunos atravessarem, sem limitações.

As incertezas que persistem devem ser utilizadas com sabedoria, pois a partir delas podem surgir novas possibilidades, como por exemplo a Cultura Digital. Porém essa caminhada estabelece que o docente saia de sua zona de conforto, de sua estabilidade buscando assim construir e reconstruir constantemente a sua autoria durante a prática pedagógica. Logo, a incerteza presente na prática pedagógica dos professores



cotidianamente deve se transformar em processos autorais que auxiliem cada vez mais na desconstrução da linearidade e das verdades absolutas.

A partir das reflexões assinaladas percebemos a potencialidade que a Cultura Digital possui se for agregada na prática cotidiana. A utilização das novas tecnologias de informação e comunicação empregada de maneira responsável, ou seja, observando as limitações do ambiente escolar pode alcançar um dinamismo atraente para o processo de ensino e aprendizagem, fornecendo assim subsídios para que os educadores possam ampliar sua interface em suas práticas cotidianas.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Bruno Nunes. **A ordem do discurso geoescolar**. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. Un mapa de sus interacciones. **TELOS 77**: Creatividad e innovación en la cultura digital: Un mapa desus interacciones. Madri, 2008.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade. In: REGO, N.; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. **A. Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CAVALCANTI, Lana de Souza, **O ensino de Geografia na escola**. Campinas, Papirus, 2012.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2017.

KAERCHER, Nestor André. **Se a Geografia escolar é um pastel de vento o gato come a geografia crítica**. Porto Alegre. Evangraf, 2014.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
GEOGRAFIA

XIV ENANPEGE
CIDADÃO DIGITAL

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2018.

MORIN, Edgar. **Rumo ao abismo? Ensaio sobre o destino da humanidade**. Rio de Janeiro. Bertrand do Brasil, 2011.

PRADO, Cláudio. Política da Cultura Digital. SAVAZONI, Rodrigo; COHN, Sergio. **Cultua Digital.br**. Rio de Janeiro. Azougue, 2009.

SANTOS, Milton Santos. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal**. Rio de Janeiro. Record, 2011.

SANTOS, Milton Santos. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo. Editora da USP, 2014.